



Projeto de extensão da Ufac contribui para resgate da tradição da Marujada no Acre

Bleno Caleb de Paula¹

É comum associar uma tradição cultural como algo preso ao passado, irretocável e muitas vezes inacessível. Ainda mais quando essa tradição é formada por diferentes matrizes, como a indígena, a africana e a europeia, e remonta à época da colonização portuguesa no Brasil. Do encontro dessas três matrizes resultou uma cultura diversa, múltipla e única que, embora carregue elementos de cada vertente, tornou-se nova e original. A Marujada é resultado desse processo.



Seu Aldenor e Marujada Brig Esperança apresentam-se no carnaval de Rio Branco. Foto: Diego Gurgel

Um auto religioso que conta a história de um levante num navio negreiro em alto mar, contrapondo a catequese portuguesa e a resistência à escravidão. Até chegar ao Acre, especificamente em Cruzeiro do Sul, no Vale do Juruá, a Marujada percorreu o território

¹ Estudante de Comunicação Social/ Jornalismo na Universidade Federal do Acre

brasileiro e incorporou pelo caminho traços da cultura indígena, quando ganhou ritmos, cores e sentidos até então não pertencentes a essa manifestação cultural. E se tornou única ao misturar o sagrado e o profano, o preto, o branco e o amarelo.

É possível associar a Marujada a uma planta híbrida com raízes profundas na história do Brasil e além-mar, mas de sobrevivência muito frágil nos dias de hoje. Essa manifestação depende de políticas públicas e ações afirmativas que possam garantir a continuidade e a permanência da tradição oral repassada de geração em geração por tantos mestres da cultura acreana.

O produtor cultural Alexandre Anselmo enveredou-se por esses caminhos ao tentar descobrir as origens dessa manifestação artística. Sabe que a cultura não está presa ao passado, mas que é viva assim como a língua e a humanidade. “A cultura resiste assim como a vida”, assegura. Nessa busca, ele conta com o apoio da Universidade Federal do Acre (Ufac), que integrou a Marujada como um de seus projetos de extensão, por meio da Pró-reitoria de Extensão e Cultura.

Para celebrar a parceria, o grupo Marujada Brig Esperança, sob o comando do mestre Aldenor, realizou uma apresentação no campus Floresta, em Cruzeiro do Sul, berço original da Marujada no Acre. Quando o grupo passou por Mâncio Lima, uma surpresa! A descoberta de uma outra tradição do estado desconhecida por grande parte da população: um boi de rezado que acontece entre Natal e Dia de Reis e que mistura elementos do folclore brasileiro e da era medieval.

Nessa entrevista, Alexandre Anselmo fala de sua trajetória como estudioso de culturas e identidades, do trabalho de resgate à Marujada, do projeto de extensão da Ufac e da redescoberta de mais uma tradição do Acre. Confira!

Você é formado em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo (USP) e estudou música por sete anos. Quando você começou a trabalhar com cultura e identidade?

Em 1996, quando ainda estudava na USP, conheci a Associação Cachoeira, um trabalho pioneiro na abordagem das culturas e identidades musicais tradicionais de São Paulo, como o jongo, os congados, os moçambiques, batuque de umbigada, samba de bumbo e outros sambas.

Vivenciei um movimento de redescobrimento, reconstrução, reconstituição e fortalecimento de culturas segregadas, discriminadas, marginalizadas. Durante os seis anos que participei dessa associação, acompanhei projetos de campo e vi que é possível fazer esse trabalho de reconstrução cultural.

Assim como no Acre, em São Paulo também se dizia que não existia música própria. Tanto é que o estado é conhecido como o túmulo do samba. Na verdade, a indústria fonográfica e todas as outras indústrias ligadas às mídias escolheram o samba do Rio de Janeiro e o da Bahia como a única referência de samba.

Como se deu a construção da ponte que trouxe você de São Paulo para o Acre?

Ainda em São Paulo, eu comecei a desenvolver um projeto com os katukinas [etnia indígena], de Cruzeiro do Sul. Por esse projeto, fui convidado para trabalhar no Acre no Ponto de Cultura. E chegando aqui também ouvi a mesma história de que não existe cultura própria. Diziam que o Acre é muito recente para ter uma identidade própria. Esse tipo de discurso que eu já sabia que era papo furado. Primeiro porque o Acre não tem apenas cento e poucos anos. O Acre não começou em 1860, quando Manoel Urbano subiu o Purus. O Acre é milenar! E essa milenaridade só é possível de ser anulada se o genocídio contra os indígenas tivesse sido feito como Hitler fez com os judeus em câmaras de gás. Mesmo com o amansamento, teve a miscigenação. Então, enquanto o indígena existir, a cultura resiste, assim como a vida.



Apresentação da Marujada no carnaval de Rio Branco. Foto: Diego Gurgel

A Marujada tem raízes muito profundas na história do Brasil porque remonta à colonização portuguesa e a vinda de negros africanos escravizados. É possível delimitar a origem dessa tradição e qual caminho ela percorreu até chegar ao Acre?

É difícil dizer que a Marujada no Brasil vem de uma catequese portuguesa, somente. Porque é uma faca de dois gumes. O português chega e coloniza, mas a colonização dele também é colonizada pelo colonizado. Por isso eu digo que a cultura resiste. O índio pode ter perdido sua língua, seus costumes, mas tem uma parte dessas linguagens que continua sendo transmitida, até de forma inconsciente.

A origem da Marujada aqui no Acre começa com um nome chamado Osvaldo Galeno. Não se sabe o local exato de nascimento dele, mas contam que ele veio de Manaus e ensinou a Marujada para o pessoal de Cruzeiro do Sul, nos anos 1950. A Marujada tem uma ligação muito forte com a criança na história e no ensinamento, na estrutura dela como escola. Algumas dessas crianças que o Osvaldo Galeno ensinou cresceram e se tornaram mestres, como o Seu Aldenor Costa.



Seu Aldenor e Alexandre Anselmo. Foto: Leilane Lima

Até chegar ao Acre, passando pelo Amazonas, a Marujada incorpora elementos de outros caminhos e se torna muito forte em Cruzeiro do Sul, todo cruzeirense conhece.

Formaram-se vários grupos com musicalidade e linguagem únicas, porque eles não conseguiriam tocar a música do Nordeste, ainda mais no Vale do Juruá, onde a maioria da população é indígena. Quem toca aqui é filho e neto de índio. Quem recebe e aprende essa Marujada não é o negro africano, nem o branco europeu, é o caboclo aqui do Acre. Por isso, a estrutura musical dessa Marujada é muito indígena, em ritmo, harmonia, linguagem e musicalidade.

Em Bragança, no Pará, a Marujada é também uma expressão religiosa da população. No Acre, ela costuma ser encenada no carnaval. Como se dá essa diferença?

As Marujadas, os moçambiques, os congados e outras manifestações híbridas em linguagens artísticas fazem parte de uma catequese, de contar uma história com fundo religioso. As Marujadas pelo Brasil têm vários formatos ligados, principalmente, à devoção a São Benedito, um santo negro. Essa é a contrapartida dos escravos africanos: “vamos adorar seu santo, porque somos obrigados, mas vamos escolher o santo preto”. Diferente da Marujada realizada no Pará, que é matriarcal e religiosa, a Marujada daqui é realizada no carnaval, e dentro dela tem a parte do sagrado. Acontece no profano, mas ela é sagrada ao trazer a reza, que é o próprio texto do enredo, quando Nossa Senhora aparece para resolver o conflito no navio. Como elemento constitutivo, você vai ter danças guerreiras de bastão, que é difícil afirmar se são africanas ou indígenas. Em comum, todas elas fazem referência ao mar, ao navio negreiro.

Os mestres são figuras importantes na preservação de uma cultura, porque carregam consigo a tradição oral repassada de geração em geração e, que aos poucos, vai se perdendo ou se transformando. Antes de ter contato com a Marujada, você conheceu alguns mestres. Como foi esse contato?

Durante um projeto de ensino de música a crianças e jovens, conheci o mestre Antônio Pedro, já falecido. Ele me apresentou ritmos, linguagens, instrumentos e repertórios que não existiam em lugar nenhum, contrariando tudo o que afirmavam de que não existe cultura própria no Acre. No processo de gravação de dois álbuns, conheci mestres de outros grupos. Aliás, grupos não! Porque esses mestres vieram dos seringais e ficaram segregados na cidade, no seu bairro, na sua casa. Como o seu Bima, que fica sozinho com o violão e não tem com quem tocar aquela música de cem anos atrás. É uma questão social complicada.

Na Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil, em Rio Branco, conheci o mestre Aldenor. Ele trabalhava no Parque Urbano Capitão Ciríaco, cuidando das seringueiras e defumando o látex, além disso era mestre da Marujada. Quando ele veio para Rio Branco, começou a brincar a Marujada com conterrâneos, movidos pelo saudosismo. Com a minissérie Amazônia – de Galvez a Chico Mendes (Globo, 2007), surgiu a busca pelas tradições do Acre e a Marujada recebeu investimento, mas logo depois o pessoal dispersou de novo.

A Marujada passou a fazer parte de um projeto de extensão da Ufac, que pretende ampliar para 2018 o número de bolsistas envolvidos no projeto. Como você avalia essa ação?

Essa parceria com a Universidade vem desde 2014 e é essencial para amparar e salvaguardar essas tradições. E muitas coisas só a universidade pode fazer para garantir a continuidade dessas tradições, como a oferta de bolsas. Sem recurso nada funciona, mas ainda não é suficiente. É preciso recurso e visibilidade. E essa parceria com a Ufac pode garantir isso. A Marujada começou a ganhar a forma que tem hoje com a Rede Banzeiro, um projeto da produtora cultural Kelen Mendes que reunia amigos para fortalecer a cultura do Acre.

Desde 2013, a Marujada é amparada pelo Banzeiro e agora começa a andar com as próprias pernas. E hoje ela é formada por integrantes das áreas de música, dança, teatro e o pessoal da Ufac. Por meio do projeto de extensão conseguimos bolsas de incentivo para os estudantes da Ufac. Isso é muito bom porque dá estabilidade para o grupo ter continuidade. Até então, as ações eram totalmente dependentes de projetos esporádicos. E a gente tem vontade de criar uma pessoa jurídica para a Marujada, que possa amparar outros grupos e mestres ligados à identidade. A bolsa de extensão da Ufac possibilita isso também. Ainda são poucas as bolsas, pois ainda estamos começando, mas a possibilidade de ampliar as bolsas nos dá possibilidade de ampliar os plano também.

A Marujada cumpriu um roteiro de apresentações no interior do Acre. Pelo caminho, vocês (re)descobriram uma tradição do estado que andava esquecida...

Durante nossa apresentação em Mâncio Lima, conhecemos a manifestação do boi de rezado, que acontece entre Natal e Dia de Reis, celebrado em 6 de janeiro. Juntou um monte de famílias para gravar essa apresentação, que resiste mais ainda que a Marujada. Só que acontece com intervalos de três, quatro anos, porque se gasta muito dinheiro para

fazer. A Marujada completa dura uma hora e meia, a apresentação do boi dura três horas. São óperas amazônicas.

Dentro do projeto de extensão da Ufac, como resultado dessa parceria, fizemos uma apresentação da Marujada em Cruzeiro do Sul, no campus Floresta. Mais até do que a apresentação, foram importantes a pesquisa e o contato que a gente teve com as famílias que apresentam o boi, que também dependem muito de projetos assim. O boi gasta muito mais dinheiro que a Marujada porque é cenográfico. Tem cobra grande, personagens com adereços, sereia, farda, coroa e espada. Mistura elementos medievais com folclore brasileiro. Uma manifestação única de cem anos atrás totalmente desconhecida, discriminada, marginalizada, que não vai tocar no rádio. Uma estética não ocidental.

Além da força de vontade popular para manter viva uma tradição cultural, o que poderia ser feito para que a maruja, e também o boi de rezado, pudessem resistir a tantas dificuldades?

O que falta são ações públicas e políticas afirmativas. Hoje em dia se trava uma guerra cultural. É preciso ter consciência dessa guerra promovida pelo Estados Unidos e Europa, que diz que tudo relacionado à identidade nativa não presta e não deve existir. E assim a cultura acreana e indígena são consideradas inferiores. E como acontece isso? Não passando na televisão. Não participando de políticas afirmativas, não tendo acesso à educação. O que não é visto, ou então a maneira como é visto, é que vai dizer o que merece receber investimento ou não. Quanto mais indígena, quanto mais ligado a identidade nativa, menos ocidental, menos investimento. Apesar de estarmos no extremo ocidente do Brasil, as coisas funcionam assim.

Conheça um pouquinho mais sobre a Marujada nos vídeos presentes nos links abaixo:

https://www.youtube.com/watch?v=PugVC_VI_IU

<https://www.youtube.com/watch?v=QNlcJTtAPQo>